

O DUPLO CARÁTER DA ECONOMIA GERAL

LAURO FELIPE EUSÉBIO GOMES ²⁶⁴

Resumo: Georges Bataille, intelectual e escritor francês, apresentou sua “economia geral” com a publicação de “A parte maldita” em 1949. Sua formulação depende fundamentalmente de duas críticas às ciências econômicas tradicionais. A primeira é uma ruptura com a racionalidade econômica utilitária através do conceito de dispêndio (consumo improdutivo), que já estava presente desde a publicação do ensaio “A noção de dispêndio” em 1933. A segunda é uma ampliação do sentido do “econômico”, que Bataille realiza concatenando a atividade econômica humana com a energia solar do universo, se opondo à representação da economia enquanto um sistema fechado. Contra leituras econômicas unilaterais, que apreendem apenas o sentido da primeira crítica de Bataille, este artigo investiga o duplo caráter da “economia geral”.

Palavras-chave: Georges Bataille, Economia geral, Economia restrita, Racionalidade econômica, Sistema fechado.

1. INTRODUÇÃO

A obra econômica de Georges Bataille (1897-1962), escritor e intelectual francês, foi interpretada sob diferentes aspectos em várias disciplinas. Este é o caso, por exemplo, dos estudos literários²⁶⁵ e filosóficos²⁶⁶. Recentemente, também os estudos econômicos começaram a se atentar para seu projeto de uma “economia geral”.²⁶⁷ Em parte significativa deles, entretanto, o sentido dessa teoria é frequentemente tomado de maneira parcial, com um enfoque quase unilateral à noção de dispêndio que Bataille opõe ao princípio canônico da utilidade econômica (caso, por exemplo, de Stoekl, 1997, Tonkonoff, 2015 e Jantzen, 2018).

Isso acontece por meio de uma inobservância ao caráter essencialmente duplo da economia geral.²⁶⁸ A sua formulação por Bataille, afinal, depende tanto de uma ruptura com a racionalidade

²⁶⁴ Graduando em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: lauroeusebio@gmail.com.

²⁶⁵ A possibilidade dessas interpretações já está colocada no próprio Bataille. O traspasso assinalado das fronteiras entre as áreas do conhecimento é uma característica de seus escritos (ver Pawlett, 2016). Stoekl (1997), porém, identifica que a tendência de identificação da “economia geral” de Bataille com a “questão filosófica de uma escritura geral” é recente e derivada principalmente de uma reorientação da questão realizada por Derrida (2017), sendo que este não era o teor original dos escritos econômicos em sua época. Para interpretações e desdobramento da economia batailliana no campo da literatura, ver Filho (2008), Camilo (2019) e Oliveira (2021).

²⁶⁶ Para discussões nesse sentido, ver Pefanis (1991), Baudrillard (1991), Schrift (1997), Habermas (2000), Connor (2010), Derrida (2017) e Agamben (2023).

²⁶⁷ Ver Goux (1990), Pawlett (1997; 2016), Stoekl (1997), Nodoushani (1999), Sørensen (2012), Human e Cilliers (2013), Tonkonoff (2015), Pawlett (2016), Jantzen (2018), McGoey (2018) e Fèvre (2023).

²⁶⁸ Outros autores fazem referência a esse duplo caráter, mas apenas implicitamente e sem discuti-lo como tal (ver sobretudo Goux, 1990; Sørensen, 2012; e Human e Cilliers, 2013).

econômica utilitária, quanto de uma ampliação do espectro do econômico — ou seja, de uma subscrição da atividade econômica humana a uma economia solar *à medida do universo*²⁶⁹. Essas interpretações correntemente apreendem o sentido do conceito de “dispêndio” (consumo ou dação improdutiva), criado por Bataille já em 1933 como crítica ao princípio da utilidade, mas perdem de vista o sentido de ampliação dos objetos de estudos da economia e a centralidade do sentido do excesso em termos universais, posteriormente formulada por ele em 1949.

Em Stoekl (1977), o interesse de Bataille pela interpretação do Plano Marshall aparece exclusivamente relacionado ao caráter donativo do programa. Ali, “a noção de uma economia geral” é sinônimo direto e estrito de “dação de dádiva ‘sem retorno’” (Ibidem, p.245).²⁷⁰ Similarmente, em Tonkonoff (2015), a diferença batailliana entre o modo de concepção da economia restrita e da economia geral já estaria colocado desde Freud, se tratando apenas de uma diferença entre uma “economia restrita e uma economia geral dos afetos e das representações”, onde a segunda seria caracterizada por um “princípio do prazer violento” (Ibidem, p.270, tradução nossa). Mas esse tipo de leitura ganha sua representação mais forte em Jantzen (2018), que concentra todo o sentido da crítica econômica de Bataille na sua percepção positiva do consumo improdutivo. Ali, a diferença entre o que Bataille chama de “economia restrita” (às ciências econômicas tradicionais) e a sua própria proposição, a “economia geral”, é uma questão ligada tão somente a um reposicionamento hierárquico de conceitos: inutilidade acima da utilidade; irracionalidade acima da racionalidade; improdutivo acima do produtivo (Idem, p.245).

Essas definições, feitas de modo parcial, se baseiam em imprecisões sobre as condições de possibilidade de estruturação da “economia geral” e, conseqüentemente, sobre a crítica produzida por Bataille. Como demonstraremos, ao invés, são dois os sentidos de “generalidade” incorporados por Bataille porque são dois os sentidos de “restrição” que ele identifica na economia canônica, sugestivamente apelidada então como “economia restrita”. O primeiro é a normatividade limitante do conceito de utilidade. O segundo é a representação da economia enquanto um sistema fechado. Nesse sentido, a subversão consciente²⁷¹ dos conceitos de dispêndio e de excedente operada pelo autor provoca um contraste sobretudo em relação à teoria econômica neoclássica (cf. Sørensen, 2012; e McGoey, 2018), mas também em relação à economia política e sua crítica (como notado também por Habermas, 2000; e Pawlett, 1997). Enquanto fundamentalmente apenas a primeira teoria está centrada no valor do conceito

²⁶⁹ *L'Économie à la mesure de l'univers* é o nome de um manuscrito de Bataille, abandonado sem nunca ser publicado, considerado um dos materiais preparatórios para *La part maudite* (cf. Bataille, 1978).

²⁷⁰ Sørensen (2012) e, em especial, Fèvre (2023) são mais cuidadosos nesse aspecto, relacionando a mudança de paradigma que Bataille apontava no plano enquanto relacionada a proporções globais dos aportos feitos.

²⁷¹ Os economistas lidos por Bataille são por vezes subestimados enquanto influências na construção de sua Economia Geral. Kendall (2006), por exemplo, considera que a perspectiva colocada em jogo por Bataille em seus escritos econômicos é sobretudo influência das suas leituras de Sade, Nietzsche, Mauss e Hegel. A influência desses autores é inegável. Porém, a desatenção às obras do economista inglês John Maynard Keynes que compunham a biblioteca pessoal de Bataille (cf. Librairie Vignes; Librairie Du Sandre, 2022), os escritos de economia emprestadas por ele à Biblioteca Nacional da França entre 22 e 50, como o *Capital* de Marx (ver Bataille, 1988b), suas resenhas de obras econômicas na revista *Critique Sociale* no pós segunda guerra (Idem, 1988a) e seus diálogos com economistas da época durante a construção de seu pensamento econômico, como é o caso de François Perroux (ver McGoey, 2018; e Fèvre, 2023), podem levar a uma assunção de ingenuidade de Bataille em relação à disciplina econômica, o que não parece ser o caso.

de utilidade, ambas tendem a representar a economia como sistemas fechados, ao menos desde a fisiocracia no século XVII.

A fim de precisar esses pontos, para além desta introdução e da posterior conclusão, este artigo se divide em três partes. A primeira apresenta o autor e discute a ligação profunda do projeto batailliano de construção de uma “economia geral” com seu conceito de “heterologia”, que aparece reiteradamente enfatizado em sua importância nos estudos filosóficos e literários, e pode ser definido como o conhecimento sobre o que se apresenta socialmente enquanto “completamente outro” (cf. Bataille, 2018; e McGoe, 2018)²⁷². A segunda parte apresenta o duplo caráter da “economia geral”, investigando sobretudo a exposição realizada por Bataille no ensaio *A noção de dispêndio*, de 1933, e no livro *A parte maldita*, de 1949. A terceira parte discute a crítica de Bataille à economia restrita à luz desse duplo caráter da economia geral.

2. BATAILLE, ECONOMIA E HETEROLOGIA

Georges Bataille nasceu em setembro de 1897 em Billom, na França, e morreu em julho de 1962, em Paris. Concomitante ao seu trabalho na Biblioteca Nacional, escreveu diversos livros, entre obras de ficção e textos não-literários. Os textos da segunda categoria abrangem uma grande extensão de temas e áreas do conhecimento, entre a economia, a filosofia, a literatura, a antropologia, a psicologia e outros.

Este também é o caso dos artigos e ensaios, publicados sistematicamente desde seus estudos de numismática na revista *Aréthuse*, na segunda metade da década de 1920, até suas últimas contribuições de 1961 nas revistas *Botteghe oscure* e *La Critique Sociale*. Esta última foi a revista para a qual Bataille contribuiu por mais tempo²⁷³. Datado de 1933, seu primeiro ensaio econômico também foi publicado neste periódico. *A noção de dispêndio* (*La notion de dépense*, doravante ND) formula as bases do que seria dezesseis anos mais tarde chamado por ele de “economia geral” no primeiro volume de *A parte maldita* (*La part maudite: Consommation*, doravante PM), publicado em 1949.

É difícil precisar a origem desse profundo interesse de Bataille pela economia. No prefácio da PM, Bataille localiza o início da sua incursão na disciplina no ano de 1931. Isso leva à conclusão de que a ND é fruto de pelo menos dois anos de meditação, cálculo que também faz Jean Piel²⁷⁴ (2020, publicado originalmente em 1963) no prefácio da PM. Mas, no mesmo texto, Piel formula também outra hipótese, mapeando o início da reflexão batailliana sobre a economia no fim dos anos 20. O evento determinante

²⁷² Sobre o projeto da “economia geral” de Bataille como resposta às questões colocadas pelas suas conceituações iniciais de homogêneo e heterogêneo, ver Habermas (2000, p.303).

²⁷³ A lista de revistas para as quais o autor contribuiu, ou mesmo fundou, é longa: *Documents*, *Acéphale*, *Minotaure*, *Troisième convoi*, *Vrille*, *Verve*, *Botteghe oscure*, etc. Surya (2010) defende que existia uma divisão entre aqueles artigos que Bataille sentia poder publicar na *Critique* e aqueles que destinava a outros periódicos.

²⁷⁴ Jean Piel (1902-1996), escritor e filósofo francês, amigo de Bataille já nos anos 20 e posteriormente seu cunhado acidental. Sobre a influência de Piel no pensamento econômico de Bataille, ver Fèvre (2023).

para ele seria a publicação, em 1925, do *Essair sur le don* de Marcel Mauss, cuja obra Bataille teria provavelmente conhecido pela influência do amigo Alfred Métraux²⁷⁵.

Mas se é enigmático determinar com exatidão a origem desse interesse, o mesmo não acontece com as razões para sua existência. Ainda no prefácio da PM, Bataille (2020a, p.37) retrata um estranhamento injustificado ao saberem que preparava uma obra de economia política: “Partindo de mim, esse empreendimento desconcertava, pelo menos aqueles que me conhecem mal”. Esse tipo de estranhamento, segundo Surya (2010), partia de uma atenção unilateral aos livros publicados por Bataille até 1949, em detrimento de sua atividade sociológica através de artigos na *Critique*. Na revista, os temas econômicos eram mais recorrentes ou, pelo menos, mais explícitos, já que mesmo a atividade dos livros da chamada “fase mística” do autor, publicados durante a Segunda Guerra Mundial, aconteceu paralelamente à escrita do manuscrito abandonado de um livro econômico, *La limite de l’utile*. Assim, não é exagero afirmar que o projeto de construção de uma obra econômica marcou toda a vida de Bataille.²⁷⁶

Para ele, a preocupação econômica mesmo precedia as questões da literatura, filosofia, psicologia, arte e poesia, que sempre surgem dependentes da primeira (ver Surya, 2010). Sobre isso, é interessante observar também a coincidência entre o período de surgimento dos conceitos de “dispêndio” (caro à economia de Bataille) e “heterologia” (caro à sua sociologia) no interior dos escritos do autor. O ensaio *A estrutura psicológica do fascismo* (*La structure psychologique du fascisme*, doravante SP), considerado a certidão de nascimento da “ciência” da heterologia batailliana²⁷⁷ (cf. Galletti, 2018), é publicado em duas partes entre novembro de 1933 e março de 1934. Ou seja, apenas onze meses depois da ND. Essa heterologia, segundo Galletti (Idem), encontrará sua forma definitiva nos textos do *Collège de Sociologie*²⁷⁸.

²⁷⁵ Alfred Métraux (1902-1963), etnólogo e antropólogo suíço que Bataille conheceu na *École des Chartes* entre 1918 e 1924 (cf. Surya, 2010).

²⁷⁶ Além dos artigos na *Critique*, depois da ND, Bataille redigiu entre 1939 e 1942 o manuscrito abandonado *La limite de l’utile*. Entre 1944 e 1949, Bataille se dedicou à escrita da PM. A primeira edição do livro foi publicada enquanto Volume I e com o nome de “*La consommation*”. Além disso, a contracapa desta edição anunciava o Volume II: “*De l’angoisse sexuelle au malheur d’Hiroshima*” (Da angústia sexual à desventura de Hiroshima). Esse título seria abandonado ainda no ano seguinte, 1950, e Bataille passaria então a cogitar outros dois volumes continuação, “*Vie sexuelle*” e “*Guerre et politique*”. Nenhum desses foi redigido. Substituiu-lhes o projeto de dois outros volumes, “*Histoire de l’érotisme*” e “*Souveraineté*”. Apesar de ambos terem sido escritos, o terceiro foi publicado apenas postumamente e o segundo foi fragmentado e revisto em duas obras diferentes, publicadas em 1957 e 1961, respectivamente: “*L’Érotisme*” e “*Les Larmes d’Eros*”. Essa última é a última obra publicada por Bataille em vida, no ano anterior àquele de sua morte (sobre essas informações bibliográficas, ver Surya, 2010; sobre um detalhamento da história editorial da PM, ver Sørensen, 2012; sobre a relação entre *La Somme athéologique* e a economia geral, ver Goux, 1990; para um estudo sobre os escritos de Bataille anteriores à ND, ver Filho, 2005).

²⁷⁷ O conceito de “heterogêneo”, como nota Habermas (2000), já estava se desenvolvendo nos escritos de Bataille na revista *Documents*, a partir de 1929. Mas não se trata ainda de heterologia. Além disso, usado por Galletti (2018), o termo “ciência” para denominar a heterologia não é pouco controverso. Pawlett (2016, p.44), por exemplo, dirá que “[...] there can be no science of eroticism, science of violence or science of the sacred” baseado na concepção de Bataille da irreducibilidade desses conceitos ao conhecimento científico. Esta também é a visão de McGoey (2018).

²⁷⁸ O *Collège de Sociologie* foi um grupo de intelectuais reunidos em Paris entre 1937 e 1939. As atividades do grupo consistiam de conferências públicas que discutiam uma gama ampla de temas, posteriormente reunidas por Denis Hollier em 1987. Para o debate em torno da fundação, existência e atividades desse grupo, ver Hollier (1988) e, criticamente a ele, Heimonet (1988). Quanto à produção de Bataille neste grupo, sobretudo suas reflexões sobre alienação, reificação e a dicotomia entre sagrado profano que não entram no escopo deste artigo, ver Richman (2010) e Goyatá (2014).

Na ND, o dispêndio é definido como uma atividade de consumo (de energia, de dinheiro, de bens) que ocorre sem uma contrapartida utilitária na reprodução, na conservação ou na acumulação de riquezas. Isto é, esse conceito compreende o conjunto das atividades que, em seu processo de realização, não contém um fim outro que essa própria realização. Opostamente, o “produtivo” ou “utilitário” compreende o conjunto das atividades cujo único sentido do processo é sua finalidade. Elas só acontecem como tais enquanto estão determinadas pelo produto vislumbrado como resultado de seu processo; enquanto determinadas por um cálculo de tempo e de energia necessários.

Mais tarde, na SP, Bataille recorre a essas definições para explicar sobre o sentido de homogeneidade e heterogeneidade social. Essencialmente, ao retomar a diferenciação marxista entre as relações econômicas (da infraestrutura) e as relações sociais que delas derivam (a superestrutura), Bataille acrescenta criticamente à infraestrutura a categoria econômica do dispêndio²⁷⁹. No plano social, a atividade econômica produtiva implica que “as relações humanas podem ser mantidas pela redução a regras fixas baseadas na consciência da identidade possível de pessoas e de situações definidas” (BATAILLE, 2022, p.13). Tudo que escapa a essa homogeneidade, e não pode assim ser reduzido a alguma comensurabilidade das relações humanas, forma a parte heterogênea da sociedade. A heterologia é então o conhecimento sobre isso que se expressa socialmente enquanto “completamente outro” (Idem, 2018, p.35) e que tem sua raiz econômica na improdutividade do dispêndio (ver Pawlett, 1997). Os agentes dessa heterogeneidade são por vezes identificados com o lumpemproletariado marxista (cf. Grindon, 2010), as classes mais baixas que ganham em Bataille um sentido político de força subversiva da ordem, quando não radicalmente revolucionária (sobre isso, ver Noys, 1998; e Filho, 2021).

A heterologia encontra “seu ponto de aplicação principal no estudo das relações de classes”, afirma Bataille (2018, p.35), enquanto a economia geral congrega, em sua formulação, “cada disciplina que tem em vista o movimento da energia sobre a terra – da física do globo à economia política, através da sociologia, da história e da biologia” (Idem, 2020b, p.38). Assim, nem a psicologia, nem a filosofia poderiam “ser tidas como independentes dessa questão primeira da economia” e mesmo as áreas da expressão (arte, literatura, poesia) teriam, afirma Bataille, “grande relação com o movimento que estudo: o da energia excedente, traduzido na efervescência da vida” (Ibidem; cf. também Goux, 1990; e Pawlett,

²⁷⁹ Entre outras coisas, isso implica que a história de desenvolvimento dos modos de produção nas sociedades pode ser antes descrita enquanto uma história de degradação de seus modos de dispêndio. Na ND, no tópico “O dispêndio funcional das classes ricas”, após ter definido o dispêndio, Bataille traça uma pequena história dos modos de dispêndio. As rupturas identificadas por ele seguem os mesmos termos daquelas do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. Inicialmente, toma-se as comunidades primitivas, para quem o modo de progressão da história econômica europeia oferece os momentos seguintes de “desenvolvimento” econômico: o escravismo (a sociedade romana), a servidão (das sociedades feudais) e, finalmente, o capitalismo. Nessa história, o desdobramento dessas sociedades acompanha uma degradação da função do dispêndio, cada vez mais escanteado, amortizado e restringido às formas não-sociais de vazão, mas às formas privadas (Bataille, 2020a). Para uma visão sobre o imbricamento entre os sentidos de infraestrutura, estrutura, sagrado e profano em Bataille, ver Goux (1990). Sobre o sentido de um “materialismo de base” que Bataille propõe em relação ao materialismo marxista, ver Noys (1998) e Grindon (2010).

2016).²⁸⁰ Estabelecido esse papel central e abrangente que a economia ocupa no interior dos escritos de Bataille, podemos analisá-la com mais profundidade.

3. O DUPLO CARÁTER DA “ECONOMIA GERAL”

É no ciclo de reflexão iniciado em 1944, passando pelo esboço *A economia à medida do universo* (*L'économie à la mesure de l'univers*), e culminando na publicação da PM em 1949, que o termo “economia geral” entra na gramática de Bataille. Anteriormente, nos itens finais da ND, ele já apontava para a necessidade de considerar a economia em termos mais amplos: “[...] a vida humana não pode em caso algum ser limitada aos sistemas fechados que lhe são destinados em concepções judiciosas” (Idem, 2020a, p.32). Mas tratava-se ainda de um sentido de “generalidade” focado na categoria de dispêndio em contraposto à de utilidade. Bataille identificava e criticava ali um sentido de restrição da teoria econômica ligado a uma racionalidade utilitária normativa (cf. Sørensen, 2012). Este também é o caso de um manuscrito econômico abandonado, escrito entre 1939 e 1943, intitulado “*La limite de l'utile*”.

De 1944 em diante, para além do dispêndio, Bataille acrescenta à sua teoria noções da física e da biologia. Essas lhe servem para identificar e superar uma segunda limitação das ciências econômicas, dessa vez ligada ao objeto de estudo da disciplina. Para ele, os economistas se restringiriam ao considerar “a economia de um sistema separado” independentemente da “economia da massa viva em seu conjunto” (PIEL, 2020, p.13). Essa segunda forma de estudo da economia exigiria concatenar a energia solar do universo como fundamento da atividade econômica na Terra. As identificações conjugadas dessas duas limitações da economia canônica (da racionalidade e do objeto de estudo) formam as condições de possibilidade para que ele possa afirmar sua “economia geral” em contraste. E, sugestivamente, apelidar a outra de “economia restrita”.

No caso do dispêndio, Bataille nota a “economia restrita” como limitada por uma naturalização da aquisição e do consumo produtivo como modos essenciais do comportamento econômico humano desde sua origem. A caracterização antropológica do início da troca como um processo de dispêndio, que Bataille interpreta através do supracitado ensaio de Mauss (2020), serve para suspender esse entendimento (cf. também Sørensen, 2012 e McGoey, 2018). Para ambos os autores, a dação aparece em condições arcaicas como o fundamento da troca. Trata-se, primeiramente, de uma necessidade de se liberar da riqueza, dando-a ou destruindo, e a aquisição surge como consequência indesejada desse movimento inicial. O comportamento econômico “útil”, que prevê uma maximização da riqueza, é assim

²⁸⁰ Em sua definição mais “essencial”, o sentido de “completamente outro” (2018, p.35) parece poder ser aplicado à economia: o dispêndio seria aquilo que aparece enquanto heterogêneo à atividade econômica cotidiana e às rotinas do trabalho. Assim, o conhecimento sobre o heterogêneo na economia (sobre a parte maldita) seria a economia geral, uma espécie de “heterologia econômica”. Entretanto, Bataille nunca faz esta operação: os termos heterogêneo e homogêneo são praticamente inexistentes nos seus principais textos econômicos, como é o caso da ND, da PM e mesmo do *Erotismo*. Na SP, entretanto, não demora muito para que Bataille tenha de recorrer à ND para explicar que “o mundo heterogêneo compreende o conjunto dos resultados do dispêndio improdutivo” (2022, p.31, grifo nosso). Igualmente, num fragmento chamado *La consommation*, de 1958, quando discutindo a existência filosófica do sentido de uma homogeneidade entre objetivo e resultado do pensamento, Bataille (1988b) precisa recorrer às figuras do trabalho e do dispêndio como fundamentos dessa homogeneidade, e não o contrário.

desnaturalizado, revelando-se como apenas uma das formas possíveis do comportamento econômico, e não como sua forma por excelência.

No centro desse pensamento está o *Potlatch*, ritual praticado por algumas etnias indígenas norte-americanas, como os *Kwailkult*. Nesse ritual, como interpretado por Mauss (2020) a dádiva (*don*) de um chefe nativo a outro, que poderia tomar a forma de um presente ou da simples destruição de bens, escravos ou animais, implicaria consuetudinariamente na necessidade de retribuição dessa dádiva. O reconhecimento social nestas comunidades estaria associado à magnitude da riqueza dada ou destruída socialmente. Portanto, paradoxalmente, o ideal seria que uma dádiva fosse tão grande ao ponto de não conseguir ser retribuída. Bataille (2020a) generaliza esse entendimento como um “princípio da perda”, enfatizando a natureza destrutiva e agonística do *potlatch* ao invés da reciprocidade focalizada por Mauss em seu estudo (cf. também Pawlett, 1997; e Sigaud, 1999). Esse princípio batailliano é definido então como a razão das atividades cujo sentido se encontra não na aquisição ou na acumulação de riqueza, mas na sua dissipação improdutiva: o dispêndio.

Esse dispêndio se torna um *imperativo* quando encarado do ponto de vista global. Na PM, Bataille (2020b) estrutura uma espécie de história cosmológica da economia, onde a energia solar estaria desde sempre em excesso no nosso planeta. Essa é a condição pela qual a vida pôde crescer e se complexificar, com os seres vivos se reproduzindo em extensão pelo espaço.²⁸¹ O espaço terrestre, no entanto, é limitado. Tendo a vida se expandido em suas máximas possibilidades, esse excesso energético precisa começar a ser liberado de outra forma: ser perdido improdutivamente, sem aumentar a massa de coisas existentes. Nessa perspectiva, determinados fenômenos da vida, como a reprodução sexuada, a manducação e a morte surgem como luxos da natureza para dissipar essa energia.

Os seres humanos estão no nível mais alto desse processo de complexificação dos seres. As atividades sociais são apropriações determinadas desse excedente e também não seriam possíveis sem que a humanidade dispusesse “de recursos de energia maior do que é necessário para as operações que asseguram a vida” (BATAILLE, 2020b, p.49). Disso decorre que o excedente econômico tradicional, definido como um quantitativo de bens que ultrapassa as imediatas necessidades de sobrevivência das comunidades, é uma consequência desse excedente energético anterior que possuem os seres vivos. Concebendo a energia solar da qual nosso planeta é destinatário como sua causadora, Bataille apreende a riqueza social essencialmente como energia transformada: “A fonte e a essência de nossa riqueza são dadas na irradiação do sol, que dispensa a energia – a riqueza – sem contrapartida” (Idem, 2020b, p.50).

Nenhum fim particular limita essa energia, segundo o autor. Logo, o aproveitamento técnico (e não biológico) que fazemos dela, introduz apenas um retardo à sua dissipação (cf. Sørensen, 2012). Produzimos aparelhos inertes anexos à massa viva existente, que nos servem para dobrar o limite espacial imposto ao crescimento biológico. Mas mesmo esse desenvolvimento técnico encontra um limite. A energia só pode ser empregada assim conforme a “humanidade econômica” possa aumentar seus equipamentos e isso não é completa, eterna ou indefinidamente uma possibilidade. A partir desse

²⁸¹ Uma chave para essa concepção é a evolução das espécies como concebida no texto. Os organismos vivos são no início bactérias que evoluem para algas e plantas, que se revolvem em fungos e, finalmente, desembocam em animais. As plantas se tornam cada vez menos dependentes da água e conseguem tomar a terra, assim como também fazem os animais. Além da terra e das águas, estes últimos também criam asas e assim tomam os céus. É claro que essa é uma simplificação: o caminho da evolução das espécies é desobediente a uma linearidade afirmável. Isso não muda, porém, o central: a vida expressa sua exuberância em crescimento tomando a extensão dos espaços disponíveis (cf. Bataille 2020b).

momento, dado que a energia sobranante será certamente dissipada, cabe-nos apenas escolher a forma pela qual o fazemos: “gloriosamente ou de modo catastrófico” (Ibidem, p.45; cf. também Pawlett, 2016).

Os modos gloriosos estão ligados à consciência e a assunção da necessidade de um consumo inútil de riquezas, realizado através do êxtase da festa, da violência do sacrifício, da edificação de monumentos suntuosos ou da atividade erótica, por exemplo. A negação dessa necessidade de dispêndio, com a contínua reversão produtiva do excedente, significa um crescimento da energia disponível em excesso (ver Goux, 1990). Para Bataille, não podendo ser consumida, essa energia congestiona localmente as economias. E, enquanto sociedades antigas encontravam ampla vazão nos modos gloriosos, os modos de dispêndio do mundo burguês, como a ampliação do setor de serviços e o aumento das horas de lazer, são insuficientes. Nesse sentido, surgem os modos catastróficos de dispêndio: as guerras (ver Habermas, 2000; Sørensen, 2012).²⁸² Para a economia geral, é a existência de um excedente insuficientemente consumido que “destinou em todos os tempos multidões de seres humanos e grandes quantidades de bens úteis às destruições das guerras” (BATAILLE, 2020b, p.47).

Essa peculiar interpretação de Bataille sobre o fenômeno das guerras, mas também sua categorização histórica de sociedades entre às de consumação e de empreendimento²⁸³, depende fundamentalmente da noção de dispêndio. Sozinha, entretanto, ela não é suficiente. É a associação da riqueza com a energia do universo que expande o espectro do “econômico”, permitindo sua extensão a práticas altamente simbólicas (ver Goux, 1990) e fornecendo uma análise econômica focada no excesso, ao invés da escassez (cf. também McGoey, 2018). Nota-se, por isso, que a “economia geral” de Bataille procura evadir dois sentidos de restrição.

A noção de utilidade, abarcando apenas um modo de agência produtiva e conservadora, aparece para o autor desde a ND enquanto insuficiente para explicar toda a possibilidade de comportamento dos sujeitos. Ao excluir o princípio do dispêndio improdutivo do comportamento racional, o princípio da utilidade acabaria por patologizá-lo (Idem, 2020a, p.19). A partir da PM, para além de determinada racionalidade econômica, Bataille procura romper com a representação da economia enquanto um sistema fechado. No primeiro item dessa obra, chamado “a dependência da economia em relação ao percurso da energia sobre o globo terrestre”, Bataille (2020b) faz uma crítica metodológica absolutamente independente dos sentidos de “dispêndio” e “utilidade”, termos que sequer aparecem ali. Argumentando que “a ciência econômica não dá resultados da mesma ordem que a física”, ele questiona se “o conjunto da atividade produtiva”, i.e., composto pela produção e pelo consumo produtivo, não deveria ser estudado “no interior de um conjunto mais vasto” (BATAILLE, 2020b, p.44). Essa, junto ao dispêndio, formam as duas condições de possibilidade para que Bataille cunhe o termo “economia geral” em contraste à “economia restrita”.

Tendo esclarecido estes pontos, as análises de Stoekl (1977), Tonkonoff (2015) e Jantzen (2018) se revelam como análises que unilateralizam a crítica que a “economia geral” de Bataille realiza em relação à “economia restrita”, tomando como central apenas o sentido de “dispêndio”, que serve para romper com a racionalidade utilitária. Em Jantzen (2018), por exemplo, todas as tentativas de diferenciar “economia restrita” de “economia geral” são ausentes de qualquer consideração além daquela sobre a inversão das

²⁸² Para uma definição e diferença dos sentidos da violência ritual do sacrifício e a violência da guerra, ver Pawlett (2016, p.93).

²⁸³ As de consumação são aquelas que dilapidam seu excesso, que dão vazão ao dispêndio; as de empreendimento são aquelas cujo excedente é utilizado conforme os princípios do cálculo útil, para crescimento e acumulação.

motivações dos atos econômicos: “A crítica de Bataille em relação a essa perspectiva restrita é que ela se cega para os aspectos mais apreciáveis da vida — i.e. o prazer — e que ela não pode apreender talvez a força mais motivadora do comportamento, i. e. paixão.” (JANTZEN, 2018, P. 245).

Nesse sentido, essas interpretações mantêm a crítica de Bataille petrificada em 1933, na publicação da ND. Nelas, são ignorados os desdobramentos realizados com a publicação da PM em 1949, quando o termo “economia geral” de fato vem a ser cunhado por ele. Como mostraremos a seguir, a dimensão de ampliação do sentido do “econômico” guarda uma importância fundamental ao romper com uma tradição mais ampla e mais antiga nas ciências econômicas tradicionais, enquanto a crítica da utilidade é mais específica. “Até agora, a economia, incluindo a economia política e sua crítica”, percebe também Habermas, “limitou-se a considerar de que maneira podem ser efetivamente utilizados os escassos recursos no interior do ciclo energético da reprodução da vida social” (HABERMAS, 2000, p.329, grifo nosso).

3. O DUPLO CARÁTER DA “ECONOMIA RESTRITA”

Bataille não é o primeiro a usar a expressão “economia geral”. Ela pode ter sua origem traçada pelo menos até um verbete de Jean Jacques Rousseau na *Encyclopédia* de Diderot e D’Alembert de 1751 (cf. Virtanen, 2004). Nesse texto, Rousseau assimila positivamente o mote da crítica de Aristóteles a Platão no Livro I de sua Política. Isto é, retoma a diferenciação entre economia ao nível da família e economia ao nível do Estado (ver Rousseau, 1751; e Aristotle, 2000). À primeira, Rousseau (op.cit., p. 337) dá o nome de “*économie domestique, ou particulière*” e, à segunda, de “*économie générale, ou politique*”. Essa versão do termo será recuperada em pouco tempo pelos primeiros autointitulados “economistas”, os fisiocratas²⁸⁴ (ver Singer, 1958). Em 1763, François Quesnay, Victor Riquetti de Mirabeau e Charles de Butré publicam o livro *Philosophie rurale, ou économie générale et politique de l’agriculture* (grifo nosso).

Essa obra contém uma das versões do *Tableau Économique* de Quesnay e Butré²⁸⁵, instrumento pelo qual os fisiocratas se tornaram pioneiros ao representar a economia como um sistema fechado e matematizado²⁸⁶ (cf. Napoleoni, 1980; 2020). Sobretudo, de modo a se preocupar com o pagamento dos agentes envolvidos no processo produtivo. Esse pagamento deveria, por um lado, garantir a compensação dos fundos usados no início do processo e, por outro, a continuidade da atividade produtiva (ver Quesnay, Mirabeau e Butré, 1763; e Napoleoni, op.cit.). Dado a formação de Quesnay como médico, uma gama de comentadores viu nessa representação uma similaridade com as teorias da fisiologia da época. Na mais consagrada, a economia seria como um corpo humano e esse fluxo circular da riqueza (em moeda e bens)

²⁸⁴ A fisiocracia é uma escola econômica de pensamento francês do século XVIII, geralmente reconhecida pela elaboração do *Tableau*, por sua crítica ao mercantilismo e pelos desenvolvimentos que levaram a ainda incipiente discussão sobre uma teoria do valor. Victor Riquetti de Mirabeau (1715-1789) e, em particular, François Quesnay (1694-1774) são grandes representantes dessa teoria.

²⁸⁵ Sobre as várias versões do *Tableau*, ver Herlitz (1996). Sobre o desconhecido mas significativo papel de Butré na *Philosophie Rurale* e nos *Tableaux*, ver Sabbagh (2015).

²⁸⁶ Apesar de colocar em jogo essa representação, Quesnay estava consciente dos seus limites, como mostra Singer (1958).

estaria associado ao sistema circulatório sanguíneo (ver Foley, 1973)²⁸⁷. Ainda que essa relação provavelmente não pode ser estabelecida sem maiores resguardos (cf. Ribeiro e Catarino, 2016), a representação da economia enquanto um sistema fechado e “autoregulatório” fará escola na disciplina.

Mesmo os autores posteriores que se ocuparam de críticas à fisiocracia não romperam com a restrição dos objetos de estudo ali formulada. A produção e o consumo foram incorporados acriticamente enquanto limites de consideração para os fenômenos econômicos (ver Nodoushani, 1999; e Singer, 1958). A discussão por vezes colocou-se em termos de saber se a oferta gera sua demanda, ou se a demanda gera sua oferta (cf. Goux, 1990), sem que escapar a uma ou outra como fronteira de apreciação da atividade econômica fosse possível. Os termos mais amplos para a consideração da riqueza na *Philosophie Rurale*, e também para grande parte da teoria econômica que se seguiu, são as fronteiras nacionais (cf. Quesnay, Mirabeau e Butrè, 1763; e Nodoushani, 1999).

A concatenação do excesso de energia solar com o excedente econômico tradicionalmente encarado permite que Bataille rompa com essa restrição. Como mostramos, a forma de uma sociedade para ele é determinada pelo consumo de recursos em excesso, em contraste à análise econômica, que a entende como a alocação de recursos escassos (ver Goux, 1990; e McGoey, 2018). As fronteiras nacionais, conquanto levadas em conta, definitivamente não são os termos mais amplos da análise batailliana. Isso está também na raiz de seu grande interesse por políticas globalmente arquitetadas, como o Plano Marshall (ver Fèvre, 2023) e a razão pela qual a PM pode ser enxergada como precursora da inclusão de preocupações ecológicas nas ciências econômicas (cf. Sørensen, 2012). Para Nodoushani (1999, p.342), a “economia geral” de Bataille retoma uma origem pastoral do termo grego *oikonomia*, que consideraria ambos a administração das pessoas e dos deuses de uma *oikos* (propriedade rural), incluindo assim uma espécie de “tutela da natureza”. Segundo ele, em relação ao *homo economicus*, Bataille estaria propondo um “*homo ecologicus*” (Idem, p.335).

Mas a restrição referente à racionalidade da “humanidade econômica” que Bataille identifica e se propõe a superar é mais recente na teoria. Ela certamente não estava numa anacrônica “ética utilitária” de Adam Smith, como argumenta Nodoushani (1999)²⁸⁸. Foi uma interpretação póstuma e parcial do autor escocês, na teoria econômica, que implicou na assunção de uma “racionalidade restrita que iguala o comportamento racional à busca do interesse individual” e, assim, “considera irracionais quaisquer comportamentos guiados por outras motivações” (CERQUEIRA, 2004, p. 451). Sobretudo, a crítica de Bataille depende do valor fundamental do termo “utilidade”, que ganha momentum no século XIX com as obras de Jeremy Bentham e John Stuart Mill²⁸⁹.

É o segundo quem faz a escolha metodológica por uma ciência econômica que se ocupa do homem apenas “como um ser que aspira possuir riqueza, e que é capaz de julgar a eficácia comparativa dos

²⁸⁷ O interesse de Bataille pela excreção e pela escatologia em sua economia, que aparece exemplarmente no texto *La valeur d'usage de D.A.F de Sade* (em Bataille, 1970), se contraposto a essa ideia, pode ser entendido como um questionamento pelos limites parciais desse tipo de representação fisiológica da economia.

²⁸⁸ Smith não naturaliza a troca como um processo de aquisição, não sendo um exemplo daqueles que a interpretação batailliana do *potlatch* pretende confrontar. A propensão a trocar, para Smith, não “tinha em vista essa utilidade tão extensa [da opulência]” (SMITH, 1979, p.25, tradução nossa). Sobre isso, ver Bee (2021).

²⁸⁹ Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) são os mais destacados filósofos do utilitarismo. O primeiro item da ND, de Bataille, faz bem lembrar, chama-se “Insuficiência do princípio da utilidade clássica” (grifo nosso), fazendo referência direta a esses pensadores.

meios para obter esse fim” (MILL, 1967, p. 321, tradução nossa)²⁹⁰. Ou, na crítica de Bataille (2020a, p.20), por uma ciência que considera que “todo esforço particular deve ser redutível, para ser válido, às necessidades fundamentais da produção e da conservação”, submetendo mesmo o prazer a um cálculo comparativo de utilidade: “o prazer, bem ou ‘felicidade’, a que Bentham e depois Mill se refere era, e só pode ser, ‘usual, equilibrado e moderado’, nunca excessivo, uma noção que Bentham e Mill associam com animalidade bruta ou puramente evitam” (PAWLETT, 1977, p.94, tradução nossa).

Um exemplo dessa capacidade judiciosa afirmada por Mill seria o trabalho. Ali, para Mill, o sujeito se impõe uma vontade (de natureza ativa) a um desejo (de natureza passiva). Estaria dada a possibilidade de afirmação do sujeito exatamente ali onde ele “tenha domínio sobre si próprio, e não seja dominado por suas paixões” (MATTOS, 1997, p.81). Enquanto em Bataille, essa abdicação das paixões no sentido de Mill configura exatamente a perda da experiência subjetiva da soberania, concebida como o domínio da vida além da utilidade²⁹¹. A definição de uma “parte maldita” refere-se exatamente ao papel ativo (não passivo) e inexpugnável do dispêndio improdutivo no comportamento dos sujeitos e das economias.

Ao longo dos anos, esse *homo œconomicus* milliano sofrerá uma matematização e objetificação mais forte pela microeconomia neoclássica, hoje dominante na disciplina (cf. também Sørensen, 2012). Se a crítica de Bataille vai além do sentido de utilidade dos utilitaristas clássicos, chegando ao sentido mais antigo de “valor de uso” da economia política, é discutível (ver Baudrillard, 1991). Porém, em relação à vulgarização matemática microeconômica, a crítica de Bataille é muito precisa. Para ele, o prazer teria nas teorias “econômico-restritas” um papel subsidiário: “A parte mais apreciável da vida é dada como a condição – às vezes mesmo como a condição lamentável – da atividade social produtiva” (BATAILLE, 2020a, p.19).

Esse papel subsidiário pode ser identificado, v.g., num modelo de análise da oferta de trabalho do consumidor da microeconomia neoclássica (encontrado, por exemplo, em Varian, 2006, p.182). Nele, o trabalho é entendido enquanto custo do lazer – deixar de trabalhar uma hora custaria exatamente o valor do salário/hora estabelecido. Colocando consumo e lazer em eixos cartesianos com unidades horárias, o modelo conclui que o trabalhador escolhe racionalmente dedicar ao trabalho a determinada quantidade de horas que correspondem à sua disposição de renunciar a tempo de lazer imediato para consumir mais produtos futuramente. Se podemos identificar esse lazer com um dispêndio improdutivo batailliano (já que oposto ao tempo do trabalho e diferente do consumo para fins produtivos), nota-se que ele está constringido, nesse modelo, a um cálculo de utilidade.

4. CONCLUSÃO

A “economia geral” de Bataille desempenha um papel central no interior da sua obra. O sentido de “generalidade” desse conceito é duplo e se refere, por um lado, a uma crítica da normatividade do comportamento econômico e, por outro, a uma crítica da análise isolada dos fenômenos econômicos. Para ele, a perspectiva de uma “economia restrita” estaria limitada dessas duas formas. A “mudança copernicana” que Bataille (2020b, p. 48) afirma realizar na passagem de uma “economia restrita” para uma

²⁹⁰ Apesar de não o ter nomeado, Mill pode ser considerado o pai do *homo economicus* (sobre o seu nascimento, ver Bee e Desmarais-Tremblay, 2023).

²⁹¹ Para uma investigação aprofundada do sentido de soberania na economia de Bataille, ver Pawlett (2016, p.98).

“economia geral” prevê, além de uma reinversão da moral do útil, colocar o sol no centro do sistema, expandindo o espectro do econômico, como aponta a própria escolha da expressão.

A observância a esse duplo caráter da economia permite evidenciar o verdadeiro peso da crítica que Bataille faz às ciências econômicas canônicas. Se muitas escolas de pensamento não adotam o sentido de “utilidade” como fundamental, uma gama muito maior delas se retém aos limites dos objetos de estudo já estabelecidos. Do mesmo modo, essa percepção leva a uma melhor compreensão sobre a trajetória intelectual de Bataille e as condições de possibilidade de surgimento de seus conceitos: enquanto a noção de dispêndio é uma proposição já presente em 1933, “economia geral” se refere ao que é desenvolvido a partir de 1944 e que engloba seja o dispêndio, seja uma economia *à medida do universo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *Bataille e o paradoxo da soberania. outra travessia*, Santa Catarina, v. 5, n. 1, p. 91-94, 2005.
- ARISTOTLE. *Politics, Books I and II*. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- BATAILLE. G. *A estrutura psicológica do fascismo*. São Paulo: n-1 edições; Hedra, 2022.
- BATAILLE. G. *A noção de dispêndio*. In: BATAILLE, G. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*: 2 ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.
- BATAILLE. G. *A parte maldita*. In: BATAILLE, G. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*: 2 ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.
- BATAILLE. G. *Œuvres complètes, Tome II*. Paris: Gallimard, 1970.
- BATAILLE. G. *Œuvres complètes, Tome XI*. Paris: Gallimard, 1988a.
- BATAILLE. G. *Œuvres complètes, Tome XII*. Paris: Gallimard, 1988b.
- BAUDRILLARD, J. *When Bataille attacked the metaphysical principle of Economy*. *Canadian Journal of Political and Social Theory*, Quebec, v. 15, n.1-3, p. 135-138, 1991.
- BEE, M. *The pleasure of exchange: Adam Smith's third kind of self-love*. *Journal of the History of Economic Thought*, v.43, n.1, p.118-140, 2021.
- BEE, M.; DESMARAIS-TREMBLAY, M. *The birth of Homo Œconomicus: The methodological debate on the economic agent from J.S.Mill to V. Pareto*. *Journal of the History of Economic Thought*, v.45, n.1, p.1-26, 2023.
- CAMILO, A. B. *A economia das paixões: Literatura, erotismo e gratuidade em Georges Bataille*: 1. ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- CERQUEIRA, H. E. A. G. *Adam Smith e o surgimento do discurso econômico*. *Brazil. J. Polit. Econ.*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 433-453, 2004.
- CONNOR, P. T. *Georges Bataille*. In: SCHRIFT, A. D (org). *The History of Continental Philosophy, Volume 5*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.
- DERRIDA, J. *From Restricted to General Economy: A Hegelianism without reserve*. In: *Writing and difference*. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.
- FILHO, O. F. *Arte da precariedade, cultura da alteridade. Thomas Hirschhorn e Georges Bataille*. *Concinnitas*, v.22, n.42, p.531-557, 2021.
- FILHO, O. F. *Georges Bataille: Notas Impertinentes Sobre Demências e Monstruosidades na Forma Clássica*. *Hypnos*, n. 15, p. 32-49, 2005.

- FILHO, O. F. *Escrever o desaparecimento de si (em torno de Le Coupable de Georges Bataille)*. *Artefilosofia*, n. 4, p.148-165, 2008.
- FOLEY, V. *An origin of the Tableau Économique. History of Political Economy*. v. 5, n.1, p. 121-50, 1973.
- GOUX, J. *General Economics and Postmodern Capitalism. Yale French Studies*, v. 78, p.206-224, 1990.
- GOYATÁ, J. V. *Georges Bataille, Michel Leiris e a experiência do sagrado no entreguerras. Religião e Sociedade*, v. 34, n. 2, p.65-85, 2014
- GRINDON, G. *Alchemist of the Revolution: The Affective Materialism of Georges Bataille. Third Text*, v. 24, n. 3, 2010.
- HABERMAS, J. *Entre erotismo e economia geral*. In: HABERMAS, J. *O discurso filosófico na modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HEIMONET, J. M. *Le Collège de sociologie: un gigantesque maletendu. Esprit*, v.89, n.5, p.39-56, 1984.
- HOLLIER, D. *Collage*. In: HOLLIER, D. (org). *The College of Sociology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
- HUMAN, O.; CILLIERS, P. *Towards an Economy of Complexity: Derrida, Morin and Bataille. Theory, Culture & Society*, v.30, n.5, p.24-44, 2013.
- KENDALL, S. *Expenditure*. In: HEWSON, M.; COELEN, M. *Georges Bataille: key concepts*. Nova York: Routledge, 2016.
- JANTZEN, C. *The consumer as sovereign: the general economy of Georges Bataille*. In: ASKEGAARD, S. HELIBRUNN, B. *Canonical Authors in Consumption Theory*. Londres: Routledge, 2018.
- LIBRAIRIE VIGNES; LIBRAIRIE DU SANDRE. *Inventaire de la bibliothèque de Georges Bataille*. Paris, 2022.
- MATTOS, L. V. *A Natureza Humana e o 'Homem Econômico' Milliano. Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 69-96, 1997.
- MCGOEY, L. *Bataille and the Sociology of Abundance: Reassessing Gifts, Debt and Economic Excess. Theory, Culture & Society*, v. 35, n.4-5, p.69-91, 2018.
- MILL, J. S. *The Collected Works of John Stuart Mill, Volume IV - Essays on Economics and Society Part I*. Toronto: University of Toronto Press, 1967.
- NAPOLEONI, C. *I fisiocratici, Smith, Ricardo, Marx*. Firenze: goWare, 2020.
- NAPOLEONI, C. *O valor na ciência econômica*. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- NODOUSHANI, O. *A postmodern theory of general economy: The contribution of Georges Bataille. Studies in Cultures, Organizations and Societies*, v.5, p.331-345, 1999.

- NOYS, B. *Georges Bataille: a critical introduction*. Londres: Pluto Press, 2000.
- NOYS, B. *Georges Bataille's base materialism*. *Cultural Values*, v.2, n.4, p.499-517, 1998.
- OLIVEIRA, E. J. de. *Uma moeda impossível, um corpo inesgotável: a economia sadiana no século XX entre Georges Bataille e Pierre Klossowski*. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 1, n. 26, p. 52-63, 2021.
- PAWLETT, W. *Georges Bataille: The sacred and the society*. New York: Routledge, 2016.
- PAWLETT, W. Utility and excess: the radical sociology of Bataille and Baudrillard. *Economy and Society*, v. 26, n. 1, p.92-125, 1997.
- PEFANIS, J. *The issue of Bataille*. In: PEFANIS, J. *Heterology and the postmodern: Bataille, Baudrillard, and Lyotard*. Durham: Duke University Press, 1991.
- PIEL, Jean. *Bataille e o mundo*. In: BATAILLE, G. *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*: 2 ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- QUESNAY, F.; MIRABEAU, V.; BUTRÉ, C. R. *Philosophie rurale, ou économie générale et politique de l'agriculture*. Amsterdam/Paris: Libraires associés, 1763.
- RIBEIRO, F. CATARINO, N.M. *Da fisiologia à economia política: o itinerário intelectual de Quesnay em direção ao Tableau Économique*. *Revista de Economia Política*, v. 36, n.2, p. 353-371, 2016
- RICHMAN, M. *Myth, power and the sacred: anti-utilitarianism in the Collège de sociologie 1937-9*. *Economy and Society*, v. 32, n.1, 2003.
- ROUSSEAU, J.J. *Économie ou Œconomie*. In: DIDEROT, D.; ALEMBERT, J. R. *Encyclopédie, Tome cinquième*. Paris: Briasson; David; Le Breton; Durand, 1751.
- SCHRIFT, A. D. *The logic of the gift: Toward an Ethic of Generosity*. Nova York: Routledge, 1997.
- SIGAUD, L. *As vicissitudes do "ensaio sobre o dom"*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 89-124, 1999.
- SINGER, K. *Oikonomia: an inquiry into beginnings of economic thought and language*. *Kyklos*, v.11, n.1, p.29-57, 1958.
- SMITH, A. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. (*The Glasgow edition of the works and correspondence of Adam Smith, vol. II*). Oxford: Clarendon Press, 1979.
- SØRENSEN, A. *On a universal scale: Economy in Bataille's general economy*. *Philosophy & Social Criticism*, v. 38, n.2 p. 169-197, 2012.
- STOEKL, A. *Bataille, Gift Giving and the Cold War*. In: SCHRIFT, A. (org.) *The logic of the gift*. Londres: Routledge, 1997.
- SURYA, M. *Georges Bataille: An Intellectual Biography*. Londres: Verso, 2010.

TONKONOFF, S. Heterología: La ciencia (imposible) de los residuos violentos. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, n. 225, p.263-283, 2015.

VARIAN, H. R. *Microeconomía: conceptos básicos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

VIRTANEN, A. *General Economy: The Entrance of Multitude into Production*. *Ephemera*, v. 4, n. 3, p.209-232, 2004.